RIQUEZA SEM BEM-ESTAR: AS CONTRADIÇÕES DO MODELO AMERICANO

1. INTRODUÇÃO

O presente texto discute a relação entre o desempenho econômico dos Estados Unidos e as condições de vida de sua população. Parte-se da ideia de que indicadores como o PIB per capita não são capazes de revelar a prosperidade real de uma nação, especialmente, conforme os dados do texto irão demonstrar, em um país tão desigual quanto os Estados Unidos. Argumenta-se que essa contradição não é acidental, mas resultado de uma escolha estrutural: o modelo liberal dos Estados Unidos coloca serviços essenciais, como saúde e educação, nas mãos do mercado, deixando a população desamparada para lidar com as contingências da vida.

Esse modelo também está por trás da cultura "*workaholic*": para sustentar o alto custo de vida, as pessoas trabalham além do limite, em detrimento do próprio lazer. Sem um Estado de bem-estar consolidado, a proteção trabalhista também é limitada. O texto traz dados que mostram como os trabalhadores nos Estados Unidos contam com poucas garantias legais. O objetivo é mostrar que viver em um país rico, porém sem proteção social, não é garantia de qualidade de vida; pelo contrário, a sociedade é explorada em prol da maximização do lucro.

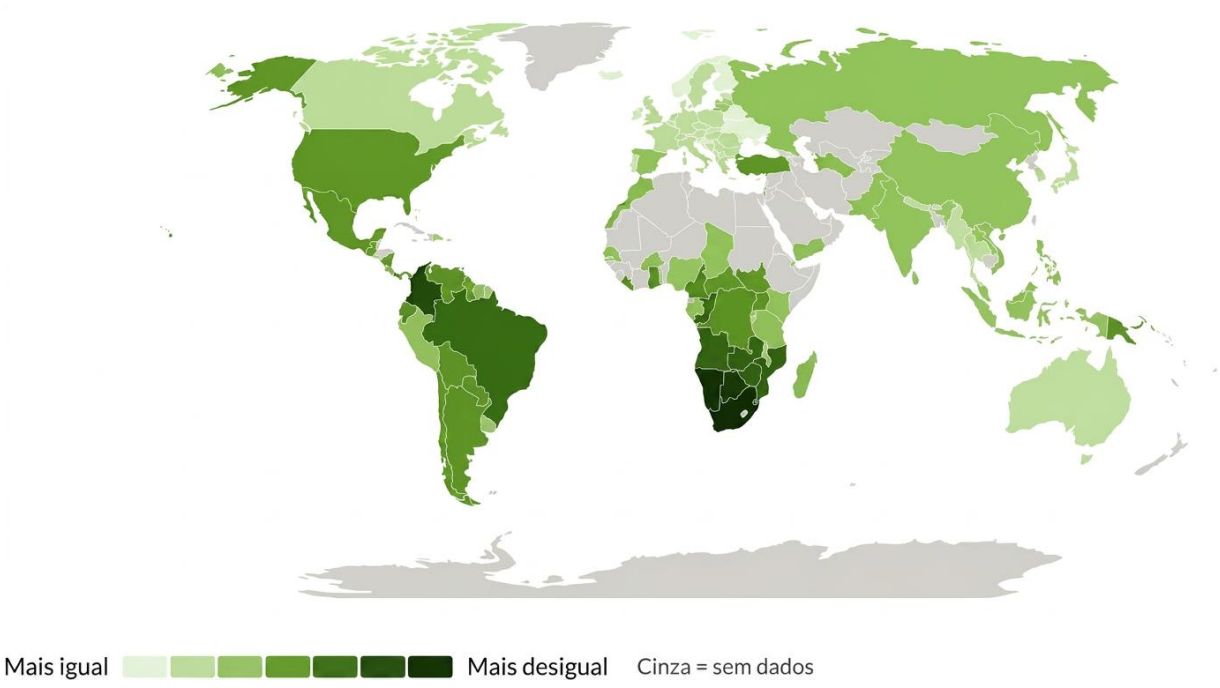
2. A PROSPERIDADE AMERICANA

Após a Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos se consolidaram como a maior potência econômica mundial, e o dólar tornou-se a única moeda com lastro em ouro. Diante dessa posição de hegemonia, o modelo produtivo norte-americano tornou-se referência de desenvolvimento, e o seu estilo de vida - "*American Way of Life*" - (marcado pelo consumo de massa e pela promessa de prosperidade) tornou-se objeto de aspiração mundial.

Além da adesão social pelo ideal americano, alguns dados estatísticos também são frequentemente usados para defender a superioridade do estilo de vida americano. O Banco Mundial aponta que o PIB per capita dos EUA ultrapassa os US$80 mil (WORLD BANK, 2024), sendo um dos maiores do mundo. Somado a isso, o consumo das famílias norte-americanas corresponde a 67,93% do PIB (WORLD BANK, 2024), o maior percentual entre os países do G7.

No entanto, apesar desses indicadores sugerirem um desempenho econômico expressivo, os dados de distribuição de renda revelam uma contradição. De acordo com o Banco Mundial, os Estados Unidos possuem um dos maiores índices de Gini entre os países desenvolvidos (Figura 1), tendo chegado a registrar 0,41 em 2024. Isso indica que o crescimento econômico norte-americano não ocorreu de maneira igualitária, ou seja, que o elevado padrão de vida associado ao "*American Way of Life*" não é a realidade de boa parte da população.

Figura 1: Perspectiva Global do Coeficiente de Gini.



Fonte: WORLD BANK. World Development Indicators: Gini index. Washington, D.C.: World Bank, 2024. Mapa elaborado com auxílio de inteligência artificial (Claude, Anthropic, 2025), com base nos dados originais.

Assim, métricas fundamentadas em médias gerais – como o PIB per capita – podem mascarar os extremos e induzir a interpretações equivocadas quando fatores sociais não são levados em consideração. Sobre isso, o economista e escritor Ha-Joon Chang postula o seguinte:

> Considerando-se que os EUA têm, de longe, a distribuição de renda mais desigual entre os países ricos, podemos supor com segurança que a renda per capita nos EUA exagera os efetivos padrões de vida de um número maior dos seus cidadãos do que em outros países (CHANG, 2013, p. 93).

Dessa forma, a riqueza agregada do país esconde uma realidade social marcada pela desigualdade, o que implica diretamente no acesso da população aos serviços básicos, como será discutido a seguir.

3. O ACESSO AOS SERVIÇOS BÁSICOS NOS ESTADOS UNIDOS

Diante de um cenário de desigualdade, cabe analisar quais são as dificuldades financeiras enfrentadas por aqueles que compõem a base dessa pirâmide. Nos EUA, serviços essenciais como saúde e educação não são universalmente garantidos pelo Estado - reflexo direto da lógica liberal, que os trata como bens de mercado e os delimita à capacidade de pagamento do indivíduo. Acerca da saúde, o relatório Mirror, Mirror 2024, do Commonwealth Fund, avaliou os sistemas de saúde de dez países de alta renda e revelou um paradoxo central: os EUA destinaram mais de 16% do PIB à saúde em 2022, enquanto os demais países gastaram entre 8% e 12% - no entanto, ainda assim ficaram em último lugar em equidade, resultados de saúde e acesso ao cuidado (BLUMENTHAL et al., 2024).

Mesmo sob condições precárias, o sistema de saúde nos Estados Unidos ainda é um luxo das camadas mais abastadas da população, dado que mais de 80% dos americanos sem seguro de saúde pertencem a famílias de baixa renda (KFF, 2026). Ter um seguro também não é sinônimo de tranquilidade para as famílias: mais de um em cada três adultos com plano de saúde relatou não ter buscado atendimento necessário por não conseguir arcar com os custos (KFF, 2025). Diante desse sistema excludente, a população mais pobre acaba se endividando quando necessita de atendimento. A KFF aponta que mais de 100 milhões de indivíduos nos EUA têm dívidas de assistência médica (KFF, 2022).

Além das barreiras impostas pelo sistema de saúde, o acesso à educação superior nos EUA segue a mesma lógica de exclusão. O custo médio anual em uma universidade pública estadual gira em torno de US$10 a 12 mil por ano para residentes do Estado, podendo custar o triplo para estudantes de fora (COLLEGE BOARD, 2025). Em razão desses altos custos, o caminho mais comum para a conclusão do ensino superior é o empréstimo estudantil federal, que financia os estudos, mas deixa uma dívida que pode levar décadas para ser quitada. Mais de 4 em cada 10 pessoas que buscaram estudos além do ensino médio - representando 30% de todos os adultos - disseram que contraíram empréstimos estudantis (FEDERAL RESERVE, 2025). A dívida estudantil total nos EUA chegou a 1,84 trilhões de dólares no quarto trimestre

de 2025, sendo suportada por aproximadamente 42 milhões de americanos (FEDERAL RESERVE, 2025).

Dessa forma, o custo elevado da educação superior nos EUA perpetua o ciclo da pobreza, dado que, sem um diploma, o acesso a empregos bem remunerados é dificultado. Conforme aponta Christopher Wimer, codiretor do Centro de Pobreza e Política Social da Universidade de Columbia, "as oportunidades no mercado de trabalho tendem a ir para pessoas com formação superior e que se beneficiaram do crescimento econômico" (BBC, 2020).

4. O ESTILO DE VIDA AMERICANO

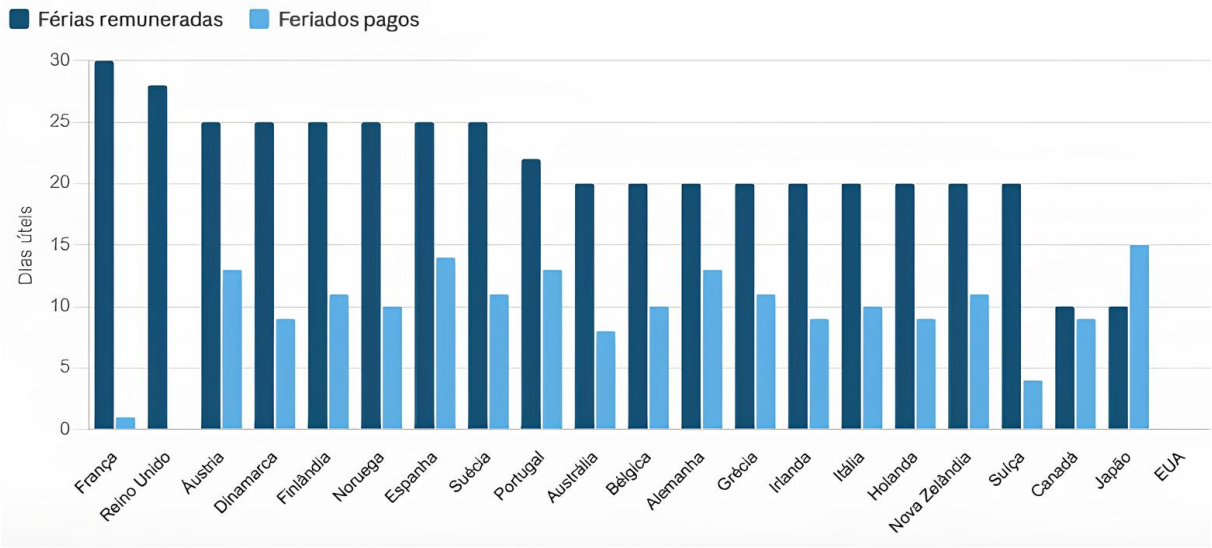
O consumismo americano tem como pilar principal o baixo custo dos serviços, que, entretanto, possui um alto custo social, conforme apontado por Chang:

> "O maior poder de compra dos cidadãos americanos [...] se deve, em grande parte, à pobreza e insegurança de muitos dos seus concidadãos, especialmente no setor de serviços" (CHANG, 2013, p. 95).

Esse custo social também se manifesta nas condições de trabalho da população americana. Para sustentar o modelo de consumo de massa, foi construída uma cultura de trabalho excessivo, o chamado *"Workaholic Culture"* - ou seja, o vício em trabalho. Os americanos trabalham 10% mais que a maioria dos europeus e cerca de 30% mais que os holandeses e os noruegueses (CHANG, 2013, p.94). O que está por trás disso, no entanto, não é o desejo americano de gerar riqueza para o país, e sim a necessidade diante do custo de vida elevado e do fraco sindicalismo.

Os EUA são o único país avançado que não garante férias remuneradas por lei, conforme aponta a figura 2, ficando a critério da empresa decidir se vai pagar ou não, o que resulta em 23% dos trabalhadores não tendo férias pagas e 22% não tendo feriados pagos (CEPR, 2019). A distribuição em relação a isso também é desigual: 91% dos trabalhadores de alta renda têm férias pagas, mas só 52% dos de baixa renda (CEPR, 2019). Além disso, os empregadores não têm obrigação de oferecer licença médica ou planos de saúde, também não há exigência de aviso prévio e pagamento de verbas rescisórias como FGTS (Migalhas, 2024).

Figura 2: Férias remuneradas e feriados pagos, países da OCDE (em dias úteis).



Fonte: CEPR. No-Vacation Nation Revisited. Washington, 2019. Gráfico elaborado com auxílio de inteligência artificial (Claude, Anthropic, 2025), com base nos dados originais.

Essa dinâmica - jornadas exaustivas, consumo de massa e acúmulo de riquezas - é consequência direta do liberalismo: sem garantias estatais, o americano se sente pressionado a acumular capital para se proteger de crises futuras, enquanto o lazer é visto como perda de produtividade. Sobre isso, o economista John Kenneth Galbraith, em *A Sociedade Afluente*, já apontava que a aparente abundância revelada pelos altos níveis de consumo esconderia uma "miséria social", um desinteresse pelo bem público e uma qualidade de vida deficiente (GALBRAITH, 1958).

5. O ESTADO DO BEM-ESTAR E A INSATISFAÇÃO POPULAR

Todos os problemas descritos até aqui – o sistema de saúde excludente, o endividamento estudantil, a precariedade dos direitos trabalhistas – são consequências de uma escolha política e ideológica estrutural: a rejeição ao Estado de Bem-Estar Social. Diferente da Europa, que se reconstruiu após a Segunda Guerra Mundial com um pacto entre Estado e sociedade para garantir serviços básicos, os EUA consolidaram a ideia do "*Rugged Individualism*" - o individualismo árduo -, que rejeita a dependência do Estado e valoriza a autossuficiência individual. Chang conectou isso com as condições de trabalho americanas:

> O estado do bem-estar social eleva os “rendimentos de reserva” das pessoas e evita que elas aceitem empregos mal-remunerados com condições de trabalho precárias [..] a existência de um grande número de “pessoas pobres empregadas”, como acontece nos Estados Unidos, é um problema tão grande quanto o das taxas de desemprego de um modo geral mais elevadas que vemos na Europa (CHANG, 2013, p. 181).

Esse modelo, no entanto, apresenta certo desgaste. De acordo com a pesquisa *Mood of the Nation*, realizada pela Gallup em janeiro de 2024, apenas 47% dos adultos americanos declararam estar "muito satisfeitos" com suas vidas pessoais (GALLUP, 2024). Esse descontentamento começa a se refletir, por exemplo, no campo político: a eleição de Zohran Mamdani para prefeito de Nova York em 2025, com propostas progressistas e de expansão do Estado de Bem-Estar, sugere que uma parte da população americana começa a questionar o modelo liberal que historicamente define o país (AGÊNCIA BRASIL, 2025).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante ressaltar que, apesar do texto considerar os aspectos liberais da economia americana, o país não é tão liberal assim. Historicamente, o Estado americano teve papel ativo nas decisões econômicas do país, principalmente por meio de políticas protecionistas, subsídios e intervenções em setores como defesa, agricultura e tecnologia. O próprio processo de industrialização norte-americano foi muito amparado por tarifas protecionistas, contrariando a ideia de um *laissez-faire* absoluto. É possível inferir, portanto, que há uma contradição no que se entende por liberalismo nos Estados Unidos: o Estado americano intervém ativamente quando os interesses econômicos do país estão em jogo, mas se afasta sob a justificativa liberal quando o tema é a proteção social.

Diante do exposto, conclui-se que os Estados Unidos é extremamente rico e isso é inegável, porém, é papel da população questionar quem realmente usufrui dessa riqueza. Afinal, o verdadeiro padrão de vida de um país não se mede pelo tamanho da sua economia, mas por como ela se distribui. Um país pode ter o maior PIB do mundo e, ao mesmo tempo, conviver com milhões de pessoas sem acesso à saúde, endividadas pelos estudos e sem direito a férias.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. Zohran Mamdani, democrata e muçulmano, é eleito prefeito de Nova York. 4 nov. 2025. Disponível em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2025-11/zohran-mamdani-democrata-e-muculmano-e-eleito-prefeito-de-nova-york. Acesso em: 23 maio 2026.

BBC BRASIL. **Coronavírus: o que a pandemia revelou sobre a pobreza nos EUA**. 2020. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/internacional-53562958. Acesso em: 22 maio 2026.

BLUMENTHAL, David et al. **Mirror, Mirror 2024: A Portrait of the Failing U.S. Health System**. Commonwealth Fund, set. 2024. Disponível em: https://www.commonwealthfund.org/publications/fund-reports/2024/sep/mirror-mirror-2024. Acesso em: 22 maio 2026.

CEPR. **No-Vacation Nation Revisited**. Washington: Center for Economic and Policy Research, maio 2019. Disponível em: https://cepr.net/images/stories/reports/no-vacation-nation-2019-05.pdf. Acesso em: 22 maio 2026.

CHANG, Ha-Joon. **23 coisas que não te contaram sobre o capitalismo**. São Paulo: Cultrix, 2013.

COLLEGE BOARD. **Trends in College Pricing and Student Aid 2024**. 2024. Disponível em: https://research.collegeboard.org/trends/college-pricing. Acesso em: 22 maio 2026.

FEDERAL RESERVE. **Report on the Economic Well-Being of U.S. Households in 2024**. maio 2025. Disponível em: https://www.federalreserve.gov/publications/2025-economic-well-being-of-us-households-in-2024-higher-education-and-student-loans.htm. Acesso em: 22 maio 2026.

GALBRAITH, John Kenneth. **A sociedade afluente**. Tradução de Wamberto H. Ferreira. São Paulo: Editora Pioneira, 1987.

GALLUP. Less Than Half of Americans "Very Satisfied" With Own Lives. 2024. Disponível em: https://news.gallup.com/poll/610133/less-half-americans-satisfied-own-lives.aspx. Acesso em: 23 maio 2026.

KFF. **Health Care Costs and Affordability**. 2025. Disponível em: https://www.kff.org/health-costs/health-policy-101-health-care-costs-and-affordability/. Acesso em: 22 maio 2026.

KFF. **Key Facts about the Uninsured Population**. 2026. Disponível em: https://www.kff.org/uninsured/key-facts-about-the-uninsured-population/. Acesso em: 22 maio 2026.

LOPES, Lunna et al. **Dívida de saúde nos EUA: as amplas consequências das despesas médicas e odontológicas**. KFF, 16 jun. 2022. Disponível em: https://www.kff.org/health-costs/kff-health-care-debt-survey/. Acesso em: 22 maio 2026.

MIGALHAS. **O direito trabalhista nos Estados Unidos**. 2024. Disponível em: https://www.migalhas.com.br/depeso/409736/o-direito-trabalhista-nos-estados-unidos. Acesso em: 22 maio 2026.

WORLD BANK. **GDP per capita (current US$) — United States**. Washington, D.C.: World Bank Group, 2024. Disponível em: https://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.PCAP.CD?locations=US. Acesso em: 15 maio 2026.

WORLD BANK. **Gini index — United States**. Washington, D.C.: World Bank Group, 2024. Disponível em: https://data.worldbank.org/indicator/SI.POV.GINI?locations=US. Acesso em: 15 maio 2026.

WORLD BANK. **Household final consumption expenditure (% of GDP) — United States**. Washington, D.C.: World Bank Group, 2024. Disponível em: https://data.worldbank.org/indicator/NE.CON.PETC.ZS?locations=US. Acesso em: 15 maio 2026.

Texto escolhido e elaborado pelos estudantes do 1º semestre de Ciências Econômicas da ESAN/UFMS (2026/1) listados abaixo:

- Adielly Tawinny Rodrigues Leite
- Cauã Enzo Lino Dias
- Eduardo Alves do Nascimento
- José Pedro Câmara Rojas
- Juliana da Silva Sanches
- Letícia Araújo de Oliveira
- Luzia Francielly Joaquim Henrique
- Pedro Barrios Prado
- Pedro Guilherme Pereira de Souza
- Vitória Sayoko Molina Miyashiro

OBSERVATÓRIO DE ECONOMIA – OBECON UFMS
ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO E NEGÓCIOS –
ESAN CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
HTTPS://OBECON.UFMS.BR/

Tema escolhido e elaborado pelos estudantes com base nas aulas da disciplina de **Prática Extensionista I**, ofertada no 1º semestre de 2026, referente ao projeto de extensão ***"Entendendo a Economia: Oficinas de Leitura, Análise de Dados e Educação Financeira",*** coordenado pelo professor Dr. Odirlei Fernando Dal Moro.

Orientação Docente: corrigido e orientado por Prof. Dr. Odirlei Fernando Dal Moro – Docente do curso de Ciências Econômicas, ESAN/UFMS.

Ano da Publicação: 2026.